

MEIOS DE COMUNICAÇÃO: DOS HOMENS PARA OS HOMENS

A reverência tem caracterizado a relação da sociedade com os meios de comunicação. E reverência significa tanto submeter-se sem questionamento, a partir de determinados dogmas, quanto temer os meios — e essa é outra forma de dar-lhes largo espaço em nossas vidas — a ponto de gastarmos muito tempo de nossas preocupações maldizendo-os, negando-os, transformando-os na bruxaria maior de nossos tempos: da falta de empregos à banalização da nudez, criando, portanto, uma sociedade dita sem valores; das eleições manipuladas à prática da violência; por todas as mazelas, enfim, eles têm sido responsabilizados.

Concretamente plantados em nossas vidas, os meios de comunicação atraem para si a culpabilidade de todos os males, só que de forma pontual: os males são arrolados um a um, como se não formassem um conjunto, uma totalidade. Algum tempo, fala-se só da nudez; outro tempo, só da manipulação das eleições. Com isso, deixam-se de lado discussões absolutamente indispensáveis para entendê-los e, ao final, certamente modificá-los: qual o papel do Estado na chamada modernidade? Quais os direitos dos cidadãos? (Ou antes, o que é ser cidadão? E quem consegue ser cidadão no Brasil?) Como os meios de comunicação aparecem neste projeto de Estado? Qual consideramos deve ser seu papel na formação de homens que saibam que têm direitos e que consigam reivindicá-los? Na verdade, os meios de comunicação precisam ser dessacralizados. É preciso que tomemos consciência de que eles não passam de instrumentos a serviço de políticas que redundam em malefícios e/ou benefícios à sociedade.

Os meios de comunicação não são seres sobrenaturais. Como diz Tornerio, referindo-se à televisão (mas podemos ampliar para os meios em geral), eles têm que ser assumidos por nós como eles na verdade são: construí-

A AUTORA

Maria Aparecida Baccega

Doutora em Letras e Ciências da Comunicação. Professora Associada da Escola de Comunicações e Artes da USP. Especialista em Linguagem Verbal nos Meios de Comunicação. Coordenadora do Curso "Gestão de Processos Comunicacionais".

dos e sustentados por seres humanos. A televisão, diz Tornero, “se introduz — de modo mais ou menos imperativo — na sociedade. É um objeto que pode ser manipulado, orientado e transformado pelo coletivo de telespectadores que o usa”¹. Para o autor, é preciso deixar de olhar os meios como se eles fossem deuses, como se ao nos relacionarmos com eles precisássemos olhar para o alto. É preciso “inverter o sentido desse olhar que dirigimos para cima e torná-lo um olhar dono de si mesmo, livre e soberano” diante das propostas dos meios.

E o olhar livre e soberano é característico do cidadão, é resultado de concepções de Estado que respeitem ou não os indivíduos, que busquem ou não que todos sejam cidadãos. Logo, é preciso, rapidamente, acrescentar à pauta das discussões sobre os meios (nudez, violência, alienação etc.) a discussão sobre qual é a sociedade que queremos, como o Estado deverá atuar para garantir os direitos básicos para que todos sejam cidadãos. E aí incluído o papel dos meios.

Por outro lado, também é fácil constatar que os meios de comunicação, com os avanços permitidos pela tecnologia, são grandes responsáveis pela sustentação do projeto de globalização.

Jorge da Cunha Lima lembra que sua geração passou por três telas: a primeira, a tela do cinema, pela qual eram aficcionados; a segunda, a tela da televisão e, finalmente, a terceira, a tela do computador. Segundo ele, nenhuma delas “matou” a anterior. Pelo contrário, entrosaram-se e sobrevivem graças a uma integração cada vez maior. O autor, porém, chama a atenção: a globalização, que alimenta todos os meios, apresenta alguns fatos “como se os fatos fossem apenas esses, os que viraram notícia e passaram na televisão, excluindo todas as demais realidades do mundo, enfim, essa pasteurização do acontecer mundial pode acabar com a identidade de cada homem. Nós vamos chorar mais por uma baleia ferida do que por mil crianças assassinadas, porque a pauta pode ser chorar pelas baleias feridas”².

E aí entra a importância do projeto de Estado, como já apontamos: se no Estado em que vivemos as pessoas não têm garantidos seus direitos, então é necessário que “chorem” as baleias feridas — é um modo de manter preenchidas as emoções da população — e que desconheçamos não só o assassinato já consumado de “mil crianças” como também a perspectiva das milhares de mortes que ocorrerão pela desídia do Estado. Se fôssemos chorar as crianças mortas, acabaríamos por perceber a iniquidade da realidade em que vivemos.

A pressa para integrar-se ao “modismo” da globalização tem levado a que não se discutam as características daquilo que queremos, daquilo que efetivamente atuará mais adequadamente em termos de realidade brasileira.

1. TORNERO, José Manuel. *El desafío educativo de la televisión*. Para comprender y usar el medio. Barcelona: Paidós Iberica, 1994. p. 137.

2. LIMA, Jorge da Cunha. *Na guerra das estrelas, as telas se entrosaram e o vilão pode ser herói*. Especial-Domingo. *O Estado de S. Paulo*, 11 de fevereiro de 1996. p. D18.

Como lembra Eugênio Bucci, contrariamente à decisão democrática, o que estamos presenciando é “o ultimato, o argumento da pressa que atropela a discussão, como o vendedor que faz chantagem: ou leva agora ou o preço sobe amanhã. A figura do vendedor não é lembrada aqui por acaso. O tipo de pressão que ele usa, a ameaça da elevação descontrolada de preços, é bem representativa do clima de correria em torno da globalização. Não há tempo para se perder com lero-lero. É pegar ou largar. Como desdobramento, acaba-se negando a própria origem dos interesses diversos que se põem em disputa organizada e fazem girar a máquina da democracia. Pois a globalização, ao acontecer pelo adesismo incondicional, dá como inexistentes, ou irrelevantes, as divergências. (...) Na era da globalização, o termo conflito passa a ter um certo gosto de antigamente, passa a soar como um prurido moral um tanto quanto fora do lugar”³.

Os artigos da Revista **Comunicação & Educação** que trazemos procuram cumprir, mais uma vez, o papel de tentar mostrar que os meios de comunicação são instrumentos dos homens para os homens e que, numa sociedade democrática, os conflitos devem ser trazidos à boca de cena para discussão de todos: professores, alunos, pais. E, sobretudo, que todos devem participar das soluções. Mesmo na era da informática. Este é o desafio.

ARTIGOS NACIONAIS

O rádio nosso de cada dia, artigo de Marlene M. Blois, lembra que o rádio é, muitas vezes, o único “canal de informação e de conhecimento” que leva as pessoas a participarem do mundo que existe além dos limites de seu quintal. Ele é também responsável pela educação. Segundo a autora, “se entendermos que o homem tem necessidade de aprender ao longo da vida — o que os educadores denominam de Educação permanente — e que a informação está na base do conhecimento, que gera reflexão e crítica, podemos indentificar traços educativos em muitos dos programas radiofônicos”. Através do rádio, a pessoa se liga aos outros, exercendo, muitas vezes, ações em benefício de todos.

Ao final, a autora propõe um roteiro de atividades, cujo resultado será não apenas maior conhecimento desse veículo, mas sobretudo conseguir pistas sobre como levar os meios de comunicação a atuarem de acordo com as necessidades e objetivos de uma determinada comunidade.

Segundo pesquisa do Instituto Herbert Levy, citada por Ismar de Oliveira Soares no artigo **A televisão e as prioridades da educação**, 95% das crianças dos sete aos 14 anos matriculam-se na primeira série do 1º Grau. Ainda assim, chegaremos ao ano 2000 com 41,9 milhões de analfabetos. O fenômeno da evasão é uma triste realidade.

3. BUCCI, Eugênio. **Processo é estrada traiçoeira da unanimidade**. Especial-Domingo. **O Estado de S. Paulo**, 11 de fevereiro de 1996, p. D2-3.

Oficialmente se ouve dizer, ainda, que cabe à Escola resolver o problema, embora não se ouçam com a mesma clareza quais as condições que serão dadas para isso.

Por outro lado, lembra o autor, a alfabetização já não é mais tão somente o caderno pautado; ela inclui a “alfabetização” na comunicação visual. Para se avaliar o grau de alfabetização, tomam-se em conta a absorção dos “padrões estéticos implantados pelo sistema de meios” assim como “a capacidade de ler o mundo e de formar opinião sobre temas complexos”.

E, como sabemos, as informações, base necessária do conhecimento e da crítica, conforme já alertou Marlene Blois, chegam através dos meios de comunicação. Logo, “todos os meios educam”.

Na mesma medida em que a sociedade é constantemente chamada a manifestar-se sobre a escola, “pergunta-se: em igualdade de condições, não caberia à mesma sociedade manifestar-se quanto às políticas editoriais dos meios, a partir de objetivos nacionais de educação para todos?”

Francisco José Karam, em **Qualidade de ensino e cinismo ético no jornalismo**, nos fala de jornalismo e mídia e, sobretudo, do que ele chama de “jornalismo de compadre”. Apesar de tudo, “o jornalismo tem um papel relevante e insubstituível, que continua contemporâneo: contar, sinteticamente ou com mais profundidade, mediante critérios e variações de projetos editoriais”, tudo o que a humanidade produz no seu dia-a-dia. Mas é preciso muita atenção dos leitores, conforme expõe Karam.

Nestes tempos de **Internet**, Marcos Palacios vem dar caminhos em **Educação na Internet**. A **Internet** “é hoje um imenso banco de dados que extrapola as paredes das bibliotecas convencionais, contendo, em contínua circulação e atualização, informações essenciais para o pesquisador de qualquer área científica ou artística, além de constituir-se num imenso fórum aberto e internacional para os mais variados tópicos de discussão e num espaço totalmente novo (e potencialmente poderosíssimo) para ativismos políticos de todos os tipos e colorações”.

Nesse banco de dados você encontra de receitas de chocolate à Enciclopédia Britânica. E o artigo vai mostrar como chegar até esses mundos. Trata-se de espaço a ser conhecido e utilizado por todos. E, como lembra o autor, “o problema é saber selecionar. A questão não é de falta, mas de excesso de informação disponível”.

Por isso também, a importância do artigo de Maria Immacolata Vassalo Lopes — **Pesquisas de recepção e Educação para os Meios**. Fazendo uma análise crítica de estudos já realizados, a autora vai mostrando o quanto são fundamentais os estudos de recepção na atualidade. Afinal, lembra Maria Immacolata, “sobretudo no que diz respeito às manifestações dos grupos, à vida cotidiana e às redes de lazer é possível afirmar que as utilizações da cultura transbordam os sentidos, extrapolam a lógica da produção, criando formas não previstas pela indústria cultural”. Há, portanto, uma pluralidade de “recepções”, uma multiplicidade no “modo de ver e de compor” o que os

meios fazem chegar até nós. Essa “composição” é certamente um espaço onde poderemos atuar.

ARTIGO INTERNACIONAL

Traduzimos para este número o artigo **Telenovela e soap opera** da revista **Tendências da Pesquisa em Comunicação**, da Universidade de St. Louis, EUA. Os autores, Nora Mazziotti e Gerlinde Frey-Vor, fazem um levantamento sintético dos estudos sobre telenovelas e *soap operas* realizados na América Latina, Estados Unidos e Europa. Dão destaque, principalmente, às pesquisas de recepção e apontam as contribuições dos pesquisadores nessa área do conhecimento.

ENTREVISTA

Comunicação & Educação foi procurar conhecer melhor a **TV Escola**, do MEC. Para saber mais sobre o **Projeto TV Escola**, entrevistamos Isa Grinspum Ferraz, consultora da Projeto. Segundo Isa, é muito importante, para se formar o cidadão crítico, “desmontar as linguagens” dos meios e “mostrar como eles funcionam”. Além de refletir sobre a prática, a entrevistada vai mostrando, também, os caminhos da operacionalização do Projeto. Vale a pena ler. Informe-se. Discuta. Posicione-se.

CRÍTICA

Propaganda e palavrões, texto de José Paulo Paes, publicado pela **Folha de S. Paulo**, em 1994, a propósito de uma propaganda que usava palavra continua tão atual que a Revista resolveu publicá-lo. Palavra e erotismo são exemplificações de um tema maior: intolerância *versus* permissividade.

Gutenberg Guerra leu, gostou e escreveu **A linguagem do coração**. É um texto sobre um livro que três professoras de Língua Portuguesa escreveram sobre suas experiências.

DEPOIMENTO

Dois profissionais escrevem nesse número: a primeira, Rosi Campos, é atriz de teatro e televisão, recentemente fez a Regininha de **Cara e Coroa** (novela das sete horas da **Rede Globo de Televisão**). Ela fala de sua carreira, do fazer teatral, da Morgana do **Castelo Rá-tim-bum** no texto **A filha do pianista**. Dênnis de Oliveira, em **A busca de outras vozes sociais**, vai mostrando sua experiência na imprensa sindical, ao mesmo tempo em que vai desvelando reflexões sobre o tema.

EXPERIÊNCIA

O computador em sala de aula: que fazer? como fazer? por que fazer? Ruth Ribas Itacarambi concordou em contar para nossos leitores sua experiência. Importante ler **Informática na Escola**: desafio para professores e alunos. Mais importante comunicar-se com ela (ou com a Revista) para ampliar o diálogo.

POESIA

Desta vez vamos de Drummond, o poeta sempre vivo. A poesia escolhida é **Ao Deus kom unik assão**.

SERVIÇOS

Funciona, em San Antonio de Los Baños, Cuba, a Escola de Cinema da Fundação do Novo Cinema Latino-Americano. Seu primeiro Diretor docente, o cineasta Sérgio Muniz, informa a filosofia da Escola e como ela funciona em **Escola Internacional de Cinema e TV**.

Vera Soares, Coordenadora do Programa de Cooperação Universidade-Sistema Escolar da CECAE/USP apresenta o **USP/Serviços-Educação**, publicação voltada, sobretudo, para o sistema formal de ensino. Lendo **USP Serviços: um catálogo para a educação** você vai ficar sabendo dos vários serviços que a Universidade oferece para professores e alunos.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Também estão neste número a **Videografia**, a **Bibliografia Especializada sobre a telenovela brasileira** e a **Bibliografia de Comunicação e Educação**. Esperamos que elas estejam colaborando com você.